



Do terceiro espaço à encruzilhada: Técnica Silvestre, hibridismo cultural e agência nas danças da diáspora negra

Ana Beatriz Coutinho Rezende (USP/EACH - anaimani@usp.br).

Orcid: <https://orcid.org/0009-0003-9448-5685>

RESUMO: Este trabalho investigou como as danças negras da diáspora, exemplificadas pela Técnica Silvestre, articulam hibridismo cultural e agência, elementos que se entrelaçam nas práticas de resistência política e formação de identidade. Para explorar essa articulação, a pesquisa se baseou em conceitos teóricos de autores como Homi K. Bhabha, Stuart Hall, Leda Maria Martins, Patricia Hill Collins e Paul Gilroy, cujas abordagens sobre o 'terceiro espaço', 'encruzilhada', 'hibridismo cultural', 'agência' e 'dupla consciência' orientaram a análise. Segundo Hall, as práticas diáspóricas negociam influências culturais para reconstruir identidades, um processo ligado à agência, como observa Collins. Martins, por sua vez, centraliza o corpo como espaço de memórias vivas, onde essas influências se transformam em novas narrativas e formas de resistência. O objetivo foi compreender as práticas corporais como espaços de contestação e formação de identidades na diáspora, com foco na relação entre corpo, memória e multiculturalismo, além de explorar como o hibridismo cultural pode ser uma estratégia de resistência e autodeterminação. A pesquisa, que combinou revisão bibliográfica e observação-participante, possibilitou investigar como a Técnica Silvestre ressignifica influências externas, criando epistemologias contra-hegemônicas. Os resultados indicaram que, ao integrar elementos culturais diversos, a Técnica Silvestre exemplifica o hibridismo cultural como prática de resistência e autodefinição. Conclui-se que práticas como a Técnica Silvestre transcendem a expressão artística, tornando-se instrumentos de transformação cultural e política, destacando a dança da diáspora negra como um território fundamental para a resistência e reconfiguração das identidades negras na diáspora.

Palavras-chave: Diáspora negra; Técnica Silvestre; Hibridismo Cultural; Corpo; Dança

Del tercer espacio a la encrucijada: hibridez cultural y agencia en las danzas de la diáspora negra

RESUMEN: Este trabajo investigó cómo las danzas negras de la diáspora, exemplificadas por la Técnica Silvestre, articulan hibridismo cultural y agencia, elementos que se entrelazan en las prácticas de resistencia política y formación de identidad. Para explorar esta articulación, la investigación se basó en conceptos teóricos de autores como Homi K. Bhabha, Stuart Hall, Leda María Martins, Patricia Hill Collins y Paul Gilroy, cuyas aproximaciones sobre el 'tercer espacio', 'encrucijada', 'hibridismo cultural', 'agencia' y 'doble conciencia' guiaron el análisis. Según Hall, las prácticas diáspóricas reconstruyen identidades al negociar influencias culturales, un proceso que se conecta con la agencia de los sujetos, como lo destaca Collins. Martins, por su parte, centra el cuerpo como espacio de memorias vivas, donde estas influencias se transforman en nuevas narrativas y formas de resistencia. El objetivo fue comprender las prácticas corporales como espacios de contestación y formación de identidades en la diáspora, con enfoque en la relación entre cuerpo, memoria y multiculturalismo, además de explorar cómo el hibridismo cultural puede ser una estrategia de resistencia y autodeterminación. La investigación, que combinó revisión bibliográfica y observación participante, permitió investigar cómo la Técnica Silvestre ressignifica influencias externas, creando epistemologías contrahegemónicas. Los resultados indicaron que, al integrar elementos culturales diversos, la Técnica Silvestre ejemplifica el hibridismo cultural como práctica de resistencia y autodeterminación. Se concluye que prácticas como la Técnica Silvestre trascienden la expresión artística, convirtiéndose en instrumentos de transformación



cultural y política, y destacando la danza de la diáspora como un territorio fundamental para la resistencia y la reconfiguración de las identidades negras en la diáspora.

Palabras-clave: Diáspora negra; Técnica Silvestre; Hibridismo cultural; Cuerpo; Danza

From third space to crossroads: cultural hybridity and agency in black diaspora dances

ABSTRACT: This work investigated how Black diasporic dances, exemplified by the Silvestre Technique, articulate cultural hybridity and agency, elements that intertwine in practices of political resistance and identity formation. To explore this articulation, the research was based on theoretical concepts from authors such as Homi K. Bhabha, Stuart Hall, Leda Maria Martins, Patricia Hill Collins, and Paul Gilroy, whose approaches to the 'third space', 'crossroads', 'cultural hybridity', 'agency', and 'double consciousness' guided the analysis. According to Hall, black diasporic practices renegotiate cultural influences to reconstruct identities, a process that connects with the agency of subjects, as highlighted by Collins. Martins, in turn, centers the body as the space of living memories, where these influences are transformed into new narratives and forms of resistance. The objective was to understand bodily practices as spaces of contestation and identity formation in the diaspora, focusing on the relationship between body, memory, and multiculturalism, as well as exploring how cultural hybridity can be a strategy of resistance and self-determination. The research, which combined bibliographical review and participant observation, allowed the investigation of how the Silvestre Technique re-signifies external influences, creating counter-hegemonic epistemologies. The results indicated that, by integrating diverse cultural elements, the Silvestre Technique exemplifies cultural hybridity as a practice of resistance and self-definition. It is concluded that practices such as the Silvestre Technique transcend artistic expression, becoming instruments of cultural and political transformation, and highlighting diasporic dance as a key territory for resistance and the reconfiguration of Black identities in the diaspora.

Keywords: Black diaspora; Silvestre Technique; Cultural hybridity; Body; Dance

Introdução

A dança, enquanto prática artística e social, pode ser compreendida e analisada enquanto suporte de valores culturais e civilizatórios, refletindo aspectos sociais de seus contextos de origem. Ao analisar aspectos estruturais, estéticos e suas particularidades, é possível acessar características históricas e narrativas que acompanham seu desenvolvimento.

As diversas formas de dança surgem e se desenvolvem dentro de estruturas históricas e políticas distintas, desde as que seguem formas mais rígidas e lineares, até as que priorizam a fluidez e a improvisação. O corpo, em suas múltiplas expressões, revela como essas práticas não são apenas performativas, mas profundas construções de valores e identidades, ligadas a contextos históricos específicos. Como coloca Desmond (1997), a dança pode ser vista como um "texto social" onde as narrativas de poder e identidade se inscrevem e se comunicam (p. 30).



Considerando o contexto da diáspora africana, a dança se constitui como um espaço de resistência, memória e hibridismo cultural. Por meio da fusão de diversas influências, as danças afrodiáspóricas criam um “terceiro espaço” (Bhabha, 1998), onde a intersecção entre diferentes culturas gera novos significados e identidades. Leda Maria Martins (2021), por sua vez, traz o conceito de ‘encruzilhada’ para pensar as especificidades desses ‘terceiros espaços’ nas culturas negras diáspóricas, possibilitando a compreensão das danças afrodiáspóricas como espaços de negociações, contestações e reconfigurações das identidades negras no pós-colonialismo.

A fim de aprofundar essa análise, este estudo tem como elemento ilustrativo a Técnica Silvestre, desenvolvida por Rosângela Silvestre desde 1982. Uma prática com raízes nas simbologias dos orixás que integra influências de outras correntes culturais e artísticas contemporâneas, sintetizando as dinâmicas de resistência, hibridismo e agência presentes nas danças afro-diaspóricas. A escolha desta técnica se dá por seu caráter de resistência em relação a narrativas hegemônicas, enquanto organiza elementos de outras culturas, mas também reafirma e reconfigura uma estética afrorreferenciada, oferecendo uma perspectiva singular sobre as interações entre corpo, identidade e poder.

A fim de elaborar uma reflexão robusta, de profundidade teórica e experiência vivencial, a metodologia adotada neste estudo une teoria e prática através da combinação de revisão bibliográfica e observação-participante. Autores como Stuart Hall, Leda Maria Martins, Paul Gilroy e Patricia Hill Collins fundamentam a análise teórica deste estudo em relação ao hibridismo cultural, identidades negras na diáspora e agência, enquanto a observação da Técnica Silvestre, além de enriquecer a teoria, permite uma reflexão crítica e vivencial sobre as dinâmicas de resistência e identidade, estabelecendo uma conexão prática direta com os conceitos abordados.

A primeira seção do artigo aborda uma análise dos conceitos de “terceiro espaço” (Bhabha, 1998) e “encruzilhada” (Martins, 2021), discutindo como esses territórios simbólicos influenciam as práticas de dança na diáspora negra. A segunda seção foca na Técnica Silvestre, suas estruturas e filosofia, destacando como ela integra influências diversas enquanto reafirma uma estética afrorreferenciada e a cultura afro-brasileira. A terceira seção, por sua vez, analisa os conceitos de agência (Collins, 2019) e “dupla consciência” (Gilroy, 2001), revelando como essas danças



servem como um ambiente dinâmico de resistência, contestação e reconfiguração de identidades. Por fim, a conclusão traz os principais achados do estudo, bem como apontamentos para suas limitações e possibilidades de futuras pesquisas.

Ao integrar a teoria e a prática, este estudo contribui para o campo dos estudos culturais, das artes do corpo e do estudo das culturas diáspóricas, apontando o papel das danças afro-diáspóricas como textos sociais que permitem estudos sobre a construção das identidades, a proteção e manutenção das memórias negras na diáspora e as possibilidades de autodefinição e resistência em culturas híbridas.

O terceiro espaço e a encruzilhada na diáspora negra

Homi K. Bhabha (1998) define o conceito de "terceiro espaço" como um espaço de encontro entre diferentes culturas, especialmente culturas colonizadoras e colonizadas, como um ponto de interseção e negociação onde os significados culturais não são fixos, mas estão em constante mutação. Esse espaço, segundo Bhabha, não representa uma fusão harmoniosa de identidades, mas sim um campo de disputas em que essas culturas se encontram e conformam mutuamente. Ao considerar esse 'terceiro espaço', Bhabha propõe um território híbrido, onde as identidades não apenas são contestadas, mas estão em permanente negociação, à medida que se confrontam com diferentes saberes e formas de expressão.

O autor afirma que o 'terceiro espaço', embora irrepresentável em si, constitui as condições discursivas que garantem que o significado e os símbolos culturais sejam fluidos, e que até mesmo os mesmos signos possam ser apropriados, traduzidos, re-historicizados e lidos de outras maneiras. Bhabha destaca que esse "inter", o entre-lugar da tradução e negociação, carrega o significado cultural, permitindo a reconfiguração das histórias nacionais e populares, além de possibilitar a emergência de novas formas de identidade: "emergir como outros de nós mesmos" (p. 69). Assim, o 'terceiro espaço' não é apenas um ponto de encontro, mas um terreno de disputas e transformações contínuas, onde as culturas em questão são reformuladas, contestadas e reimaginadas.

Enquanto Bhabha define o 'terceiro espaço' como um campo dinâmico de negociações culturais, Leda Maria Martins (2021) propõe o conceito de 'encruzilhada' desde 1991 para abordar as particularidades da diáspora negra. Para Martins, a 'encruzilhada' é mais do que um ponto de interseção; é um espaço fundamental de



constituição epistemológica do pensamento negro que “cartografa os inúmeros e diversos movimentos de recriação, improviso e assentamento das manifestações culturais e sociais, entre elas as estéticas e também as políticas, em seu sentido e espectro amplos” (p. 51).

A ‘encruzilhada’, assim, se configura como um *locus* de negociação e contestação, um espaço onde práticas performativas e cosmovisões se cruzam, oferecendo possibilidades de reinterpretação e reconfiguração de identidades culturais. Martins a descreve como um lugar de interpretação do trânsito sistêmico e epistêmico que emerge dos processos inter e transculturais, nos quais se confrontam e entrecruzam práticas performativas, concepções filosóficas e metafísicas, muitas vezes de maneira conflitiva (p. 51).

Operadora de linguagens performativas e também discursivas, a encruzilhada, como um lugar terceiro, é geratriz de produção sínica diversificada e, portanto, de sentidos plurais. Nessa concepção de encruzilhada destaca-se, ainda, a natureza cinética e deslizante dessa instância enunciativa e performativa dos saberes ali instituídos. A cultura negra é uma cultura das encruzilhadas (p. 51-52).

A ‘encruzilhada’, portanto, propõe não só a tensão, mas também a reconstrução ativa e criativa das culturas negras, sistematicamente desafiadas e oprimidas por pressões coloniais e hegemônicas. Assim, a intersecção entre os conceitos de Bhabha e Martins cria um campo fértil para aprofundar a compreensão em relação às danças da diáspora negra e a como essas práticas se tornam espaços de disputa e hibridização de identidades culturais.

É possível analisar as danças da diáspora negra a partir desse entre-lugar, onde a herança africana se entrelaça com influências modernas, mas não apenas para preservar tradições de forma estática e fixa. Ao contrário, estas subvertem e reafirmam significados, inscrevendo valores ancestrais na cultura contemporânea. Seguindo as ideias de Bhabha e Martins, essas danças não são espaços de uma simples fusão harmoniosa, mas campos de contestação, onde as identidades culturais sãoativamente negociadas e reconstruídas, desafiando as imposições hegemônicas.

Essas reflexões mostram que as práticas de dança negra da diáspora, tanto no ‘terceiro espaço’ de Bhabha quanto na ‘encruzilhada’ de Martins, vão além de simples celebrações culturais. Cada movimento, gesto e forma inscrevem-se como estratégias



políticas e estéticas que subvertem imposições culturais dominantes e reafirmam e reconfiguram valores e memórias de culturas marginalizadas.

No contexto das práticas performáticas, a Técnica Silvestre se insere como uma manifestação concreta dessas dinâmicas de contestação e negociação cultural. Ao combinar saberes ancestrais, espiritualidade e influências contemporâneas, a técnica articula questões de hibridismo cultural e agência, funcionando como um espaço de resistência e afirmação. Ela materializa as negociações culturais e epistemológicas que fundamentam o 'terceiro espaço' e a 'encruzilhada', mostrando como as práticas corporais podem traduzir as complexidades da diáspora em movimento, memória e criação artística.

A Técnica Silvestre: corpo, memória e espiritualidade

Desenvolvida por Rosângela Silvestre desde 1982, a Técnica Silvestre surge como uma prática singular que transcende os limites das técnicas formais de dança. Ela é uma fusão profunda entre as heranças religiosas afro-brasileiras e as influências da diáspora africana, ao mesmo tempo que dialoga com as linguagens contemporâneas da dança moderna/contemporânea. A proposta de Silvestre, além do treinamento físico de alto nível técnico, constitui-se como uma experiência integradora que articula corpo, mente e ancestralidade. Ao explorar e reconfigurar as identidades culturais na diáspora, a técnica pode ser compreendida como um campo de resistência às imposições culturais dominantes, especialmente as de origem colonial.

Ao situarmos a Técnica Silvestre no contexto dos conceitos de 'terceiro espaço' de Homi K. Bhabha (1998) e 'encruzilhada' de Leda Maria Martins (2021), compreendemos que a técnica opera como uma prática híbrida, onde as influências da modernidade se entrelaçam com as raízes ancestrais africanas como um ponto de interseção e negociação cultural, criando um campo de contestação onde as identidades não são fixas, mas estão em constante transformação, refletindo as dinâmicas de poder, identidade e resistência da diáspora negra.

Ao observar a dinâmica, didática, estrutura e modos de condução das aulas ministradas por Rosângela Silvestre no *Silvestre em Sampa 2024*, pode-se perceber que prática da Técnica Silvestre exemplifica diretamente esse processo. A observação-participante foi realizada em diferentes momentos ao longo do



treinamento, permitindo a análise de aspectos técnicos, simbólicos e interpessoais da Técnica Silvestre em prática. Por exemplo, ao instruir seus alunos a traçarem a forma de uma encruzilhada no chão (figura 1), fazendo referência ao cosmograma Bakongo (figura 2), para ilustrar questões práticas e técnicas de espacialidade e direcionalidade, Rosângela Silvestre não apenas propõe um exercício técnico, mas os conecta com as memórias e saberes da cultura negra.

Cada movimento executado não é apenas uma réplica técnica, mas um gesto que invoca e reconfigura essas memórias e simbologias. Essa prática ilustra como o corpo, mais do que suporte, torna-se meio de ativação e transformação da memória ancestral, subvertendo as narrativas coloniais que tentam apagar essas tradições.

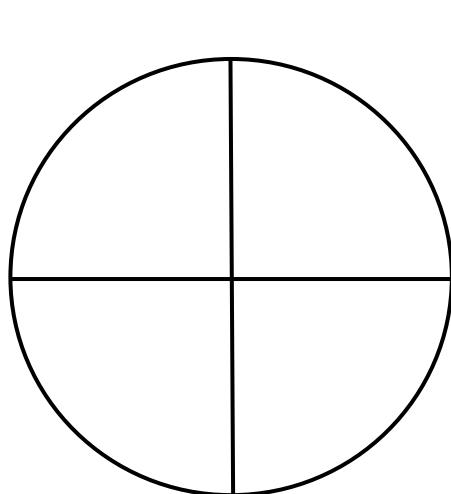


Figura 1: encruzilhada

Figura feita no chão nas aulas de Silvestre

Ilustração própria (2024)

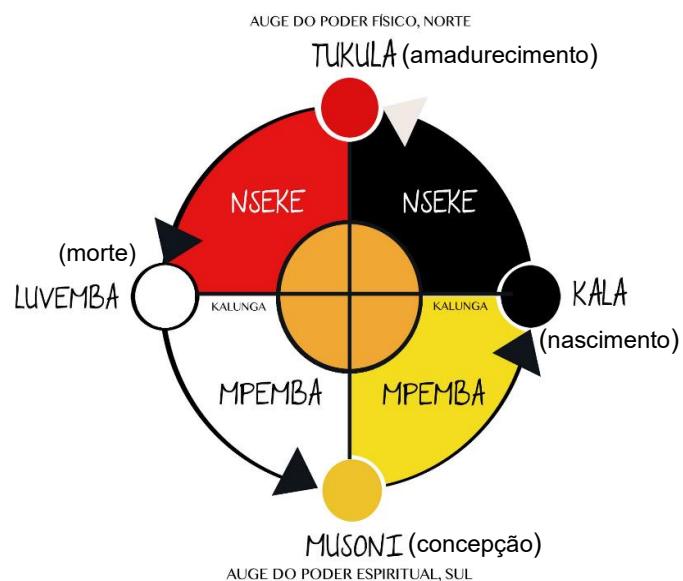


Figura 2: Cosmograma Bakongo

Representação imagética da filosofia bakongo

Fonte: Blog Terreiro de Griôs (2017)

Os princípios estruturantes da Técnica Silvestre reforçam essa relação íntima entre o corpo e a espiritualidade, trazendo para o treinamento de dança uma conexão com o corpo físico e sua conexão com o universo, que Silvestre chama de ‘universo corporal’. Esse universo corporal é simbolizado por três triângulos formados no corpo: o triângulo da inspiração, visualização e percepção, que vai do topo da cabeça aos ombros e se associa ao elemento fogo, indicando a precisão (figura 3); o triângulo da



expressão, que vai dos ombros ao umbigo, relacionado aos elementos água e ar, evocando fluidez e liberdade (figura 4); e o triângulo do equilíbrio, que vai dos quadris aos pés, associado à terra, simbolizando o aterrramento e a estabilidade (figura 5). Além disso, cada um desses triângulos está simbolicamente conectado aos orixás, reforçando a ideia de que o movimento não é apenas físico, mas também um campo de energia, memória e significação espiritual.

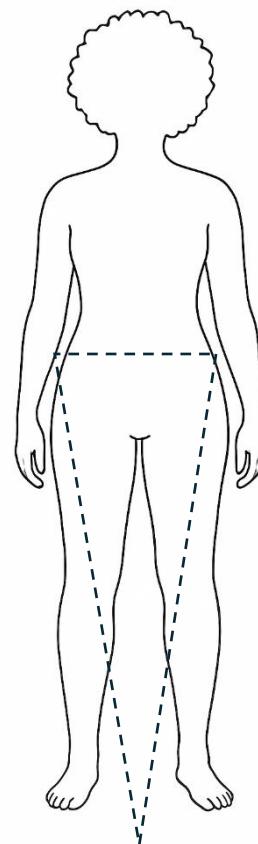
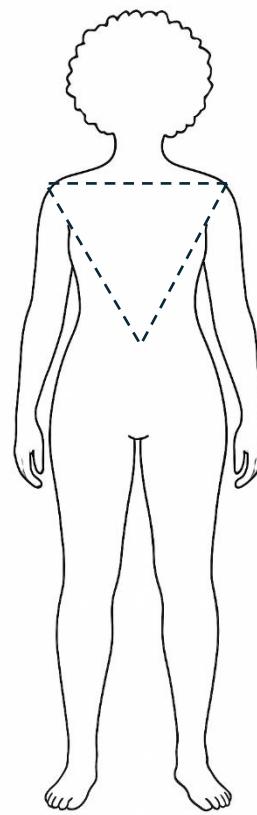
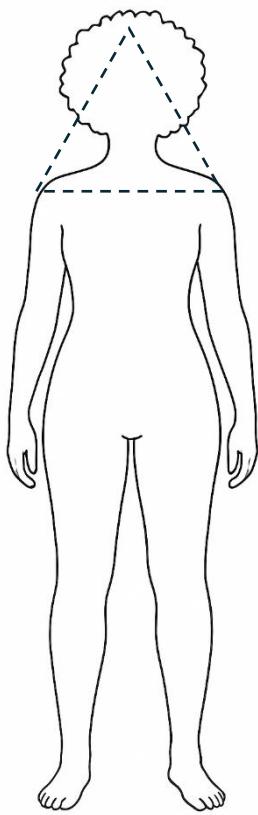


Figura 3: triângulo da inspiração,
visualização e percepção

Figura 4: triângulo da expressão

Figura 5: o triângulo do equilíbrio

Representações dos triângulos e seus posicionamentos no corpo
Ilustrações próprias (2024)

Essa conexão prática com os elementos reflete a forma como a técnica rompe com modelos cartesianos e fragmentados entre corpo e mente, propondo uma visão holística e integrada da experiência humana. É nesse ponto que o corpo, ao mesmo tempo ancestral e contemporâneo, atua como testemunho de histórias, memórias e experiências individuais e coletivas.



A Técnica Silvestre também se ancora na simbologia dos orixás e nas particularidades de como essas danças se manifestam nos cultos religiosos, resgatando movimentos, ritmos e arquétipos como ferramentas para criação e expressão. Cada movimento carrega consigo camadas de significado, conectadas com histórias ancestrais e com a resistência cultural dos povos africanos e afro-brasileiros. Esse aspecto posiciona a técnica como um espaço de ressignificação dentro da dança contemporânea, deslocando a hegemonia de técnicas ocidentais e permitindo que o corpo negro atue como um corpo-testemunho.

Diferentemente das abordagens hegemônicas, que pedem ao bailarino que ‘deixe suas questões da porta para fora’, Rosângela Silvestre afirma o valor das subjetividades e das vivências como ponto de partida. Nessa perspectiva, o corpo do dançarino não é esvaziado para se adequar a uma técnica imposta de fora, mas nutrido por suas histórias e suas memórias. Esse respeito à individualidade e à construção coletiva da dança também se expressa no ambiente das aulas, onde há espaço para o dissenso, a crítica e a autonomia, desafiando as hierarquias colonizadoras tradicionais na relação entre aluno e professor.

Além disso, ao afirmar a presença da ancestralidade africana no corpo em movimento, a Técnica Silvestre atua como um ato de resistência cultural, desafiando narrativas coloniais e criando um espaço de autodefinição e fortalecimento das identidades socialmente marginalizadas.

Historicamente, as danças negras têm sido vistas de maneira pejorativa dentro de contextos hegemônicos, como práticas desprovidas de rigor técnico, complexidade ou sofisticação. Esse discurso colonial, que desqualifica as estéticas negras, é confrontado de maneira contundente pela Técnica Silvestre. Ao criar uma técnica estruturada a partir da cultura e estética afro-brasileira, de alto rigor técnico e intensa preparação física, Rosângela Silvestre ressignifica essas narrativas, evidenciando as tecnologias corporais e espirituais presentes na simbologia das danças negras.

Essa ruptura com o discurso colonial se amplifica, inclusive, na medida em que a Técnica Silvestre adentra espaços institucionalizados de prestígio, especialmente em contextos hegemônicos. Rosângela Silvestre e demais professores da técnica são frequentemente convidados a ministrar sua técnica em universidades, companhias e escolas de dança clássica, moderna e contemporânea, espaços que, historicamente, representam certa hegemonia no campo da dança. Longe de insinuar que é desse



reconhecimento externo que vem a validação da técnica, essa dinâmica não apenas reconhece o rigor e a sofisticação da técnica, mas também desestabiliza as estruturas de poder que, por muito tempo, marginalizaram ou exotizaram as práticas afro-diaspóricas, mantendo-as em posição de práticas folclorizadas e simplórias.

Ao reconhecer as memórias e as culturas negras como base fundamental para a construção de uma dança tecnicamente refinada, a Técnica Silvestre contesta a narrativa hegemônica que marginaliza as danças afro-diaspóricas, valorizando seus saberes e modos de fazer como tecnologias legítimas e potentes. Isso não apenas redefine o lugar da dança negra na arte contemporânea, mas também reconfigura as próprias relações de poder que sustentam o campo da dança como um todo.

Neste sentido, a Técnica Silvestre se apresenta como um ‘texto social’ que traduz e ressignifica as dinâmicas de poder e identidade. Ela não se limita a preservar a memória coletiva, mas a reconfigurá-la, criando novas narrativas que celebram a cultura negra e a transformam em um espaço ativo de resistência. A Técnica Silvestre se inscreve, assim, como uma prática performativa que conecta o passado ancestral com o presente da diáspora, criando um espaço de reconfiguração das identidades, proteção e manutenção das memórias negras e confronto ao colonialismo.

Em última análise, a Técnica Silvestre não apenas forma corpos dançantes, mas corpos conscientes. Corpos que não apenas executam, mas que estão em constante negociação entre o legado histórico da diáspora africana e as experiências da contemporaneidade. Ela oferece, portanto, um campo onde o hibridismo cultural pode ser articulado como ferramenta de autodefinição, reafirmando a cultura negra e admitindo influências externas a partir de sua própria agência e autonomia ao considerar o multiculturalismo diaspórico. Este processo será explorado mais profundamente na próxima seção, onde serão discutidas implicações da Técnica Silvestre em relação às questões de agência e dupla consciência.

Hibridismo cultural, dupla consciência e agência

Segundo Stuart Hall (2023), as identidades na diáspora são múltiplas, híbridas e em constante transformação. Em sua análise sobre sociedades multiculturais, típicas da diáspora, Hall argumenta que essas identidades emergem de processos de transculturação, nos quais elementos culturais subordinados são reinterpretados e ressignificados diante das estruturas coloniais. Para ele, o hibridismo não resulta em



identidades fixas ou estáticas, mas em novas configurações culturais, moldadas por interações políticas e sociais em permanente movimento. Ao mesmo tempo em que reconhece as assimetrias de poder nessas zonas de contato, Hall também destaca as dimensões criativas que surgem desse encontro, permitindo a reconfiguração cultural por meio de dinâmicas que desafiam as narrativas coloniais.

Essa perspectiva é central para entender como as culturas negras da diáspora ressignificam a África não como um passado distante ou um local geográfico específico, mas como um significante simbólico. Hall afirma que as comunidades diaspóricas leem e reinscrevem a África como um recurso simbólico de resistência e construção das identidades, onde “em cada conjuntura, tem sido uma questão de interpretar a 'África', reler a 'África', do que a 'África' poderia significar para nós hoje, depois da diáspora” (p. 43). Assim, a formação cultural não se limita a uma preservação arqueológica, mas se torna um ato produtivo, onde a reinscrição simbólica capacita os povos diaspóricos a se reconstituírem como novos sujeitos históricos.

Hall também aponta para o lugar do corpo nesse processo, uma vez que o corpo, por muitas vezes, foi o único capital cultural que os povos negros da diáspora possuíam, fazendo com que esses povos trabalhassem em seus corpos como “telas de representação”. Por sua vez, Leda Maria Martins (2021) amplia essa reflexão ao conceituar o corpo negro na diáspora como um “corpo-tela” e “corpo-voz inventário”, no qual a memória histórica é testemunhada e reconfigurada em narrativas de contestação. O corpo, segundo Martins e Hall, não é apenas espaço de resistência, mas um *locus* poético e político de negociação entre ancestralidade, presente e as possibilidades futuras.

Partindo desse entendimento em relação a dinâmica entre corpo e formação das identidades na diáspora, a agência, como elaborada por Patricia Hill Collins (2019), atua como uma possibilidade de ação política crucial frente ao conceito de dupla consciência, discutido por W.E.B. Du Bois (1903) e revisitado por Paul Gilroy (2001). Du Bois descreve a dupla consciência como a experiência fragmentada dos povos negros em diáspora, divididos entre o olhar do colonizador e sua própria percepção. Gilroy aprofunda essa ideia ao demonstrar como a diáspora negra navega as tensões entre herança africana e opressão colonial, um reflexo da condição híbrida e transnacional dessas populações.



O autor argumenta que as culturas da diáspora africana são moldadas por essa tensão constante entre local e global, entre a memória africana e as realidades das sociedades em que vivem. A ‘dupla consciência’, nesse sentido, não se dá apenas como uma fraqueza ou um dilema, mas também como uma fonte de possibilidades de criatividade cultural e resistência. Ela permite às populações negras contestar as noções de identidades fixas e essencialistas, propondo identidades fluidas que admitem o hibridismo cultural. Assim, Gilroy amplia o conceito para incluir o potencial emancipatório e transformador dessa experiência, especialmente nas práticas culturais, como música, literatura e dança, que se tornam suportes de resistência e reconfiguração identitária.

Nesse sentido, Collins (2019) contribui com o conceito a ‘agência’ enquanto “a disposição de um indivíduo ou grupo social para se autodefinir e se autodeterminar” (p. 519). Assim, a autora enfatiza que a ‘agência’ não se dá apenas no campo da resistência, mas também na criação de alternativas frente às opressões e marginalizações, o que inclui repensar a própria identidade, as relações sociais e as estruturas de poder. Nesse sentido, a agência de povos negros em diáspora pode se configurar a partir do momento em que esses próprios povos organizam e definem o lugar das diversas influências multiculturais que os formam, sendo não mais definidos pela perspectiva das culturas dominantes.

Essa relação entre dupla consciência e agência ganha concretude na Técnica Silvestre, conforme descreve Vera Passos (2024), artista e professora que atua diretamente com a prática. Em entrevista, Passos enfatiza a rejeição à padronização e ao congelamento das técnicas, destacando que a dança oferece um espaço de liberdade e desenvolvimento das identidades: “Encorajamos cada um a desenvolver o que tem e o que deseja ter. Todos têm a liberdade de encontrar, dentro da prática, o caminho para aquilo que está sendo desenvolvido e para onde isso pode levar (p.228)”.

Aqui, a agência se manifesta no corpo em movimento, rejeitando a mera reprodução de padrões e priorizando o reconhecimento da própria história e subjetividade. Como afirma Passos: “ser profissionalizado por uma técnica que reflete a minha identidade não tem comparação. Eu não preciso interpretar algo. Eu preciso ser aquilo porque aquilo está dentro de mim” (p. 228). Assim, prática da dança relaciona-se diretamente com agência e dupla consciência, revelando as tensões dos



povos negros em diáspora, mas afirmando a autonomia do sujeito negro em moldar sua própria realidade cultural e simbólica.

O conceito de hibridismo cultural, proposto por Homi K. Bhabha (1998), aprofunda esse debate ao sugerir que o hibridismo não é apenas fusão de culturas, mas uma subversão estratégica do poder colonial. Bhabha argumenta que “o hibridismo é o signo da produtividade do poder colonial [...] e o nome da reversão estratégica do processo de dominação” (p. 162-163). Essa subversão é visível na Técnica Silvestre, que integra saberes ancestrais africanos, influências afro-brasileiras e elementos contemporâneos, transformando-os em um movimento que desafia a colonialidade.

A técnica não apenas acolhe essas influências, mas as reinscreve criativamente, transformando o corpo negro em território de resistência e reconfiguração. Durante o treinamento, os bailarinos são incentivados a explorar movimentos que dialoguem com suas vivências pessoais, conectando-se tanto às simbologias dos orixás quanto às experiências contemporâneas. Essa prática reflete o que Gilroy descreve como a tensão criativa da dupla consciência: o corpo se torna um lugar de negociação entre a memória ancestral e as demandas sociais atuais, reafirmando sua agência na reconstrução identitária.

Em última análise, a agência, ao desafiar a cisão da dupla consciência, emerge como um ato político e cultural fundamental na diáspora negra. A Técnica Silvestre materializa essa dinâmica ao transformar o corpo em um espaço de reconstrução identitária. O corpo não é apenas o registro das memórias ancestrais, mas o campo vivo de disputas e criações, onde o hibridismo cultural encontra sentido. Resistindo às narrativas coloniais, a técnica transforma a tensão entre ancestralidade e contemporaneidade em uma prática ativa de autonomia, resistência e criação de futuros alternativos. Nesse processo, a agência não apenas confronta as imposições externas, mas ressignifica o sujeito diaspórico como agente de sua própria história e identidade cultural.

Considerações finais

Com base nas contribuições de Stuart Hall, Leda Maria Martins, Patricia Hill Collins, Paul Gilroy e Homi K. Bhabha, este estudo demonstrou como processos de hibridismo cultural, performatividade e agência se entrelaçam, criando um campo



dinâmico de negociações culturais que desafiam as narrativas coloniais. Nesse contexto, as danças da diáspora negra, neste estudo representadas pela Técnica Silvestre, se apresentam como um dispositivo de reconfiguração das identidades e criação de novas possibilidades de existência para sujeitos negros.

O conceito de ‘terceiro espaço’, de Homi K. Bhabha, e o de ‘encruzilhada’, de Leda Maria Martins, destacam-se como perspectivas complementares para analisar as dinâmicas culturais da diáspora negra. Considerar a ‘encruzilhada’ enquanto território de negociações – sejam elas amistosas ou não – permite a ampliação da compreensão sobre a ideia de ‘terceiro espaço’, das dinâmicas e articulações multiculturais da diáspora, mas também uma atenção às suas especificidades.

Esses conceitos permitem compreender as danças da diáspora como práticas que vão além da preservação de tradições, atuando como espaços de contestação e reconstrução de identidades culturais. Ao inscrever valores ancestrais na cultura contemporânea, essas danças subvertem imposições hegemônicas e afirmam memórias e valores de culturas marginalizadas.

Nesse sentido, a Técnica Silvestre emerge como uma manifestação concreta dessas dinâmicas, traduzindo, por meio do corpo em movimento, as complexidades e potencialidades de um espaço que é, ao mesmo tempo, de subversão e criação. Ao articular corpo, memória e espiritualidade como elementos centrais de uma prática híbrida que ressignifica a ancestralidade africana na dança contemporânea, a Técnica Silvestre opera como um campo de resistência e contestação às narrativas coloniais, posicionando o corpo negro como corpo-testemunho e tecnologia cultural.

Além de desafiar as hierarquias tradicionais na dança, a técnica afirma a subjetividade e as vivências de quem a pratica, conectando a herança afro-brasileira a uma linguagem contemporânea, não apenas preservando memórias coletivas e ancestrais, mas as reconfigurando e criando novas narrativas que inserem a cultura negra no campo mais amplo da dança contemporânea.

A seção sobre hibridismo cultural, dupla consciência e agência explorou como as identidades na diáspora são moldadas por processos de transculturação e resistência às narrativas coloniais, destacando o hibridismo cultural como uma constante reinvenção cultural, onde a África, simbolicamente, se torna um recurso de sobrevivência e possibilidade de criação de novas identidades negras.

A dupla consciência, descrita por Du Bois e expandida por Gilroy, reflete as



tensões entre herança africana e opressão colonial, mas também oferece um potencial criativo para reconfiguração cultural. Homi K. Bhabha complementa essa visão ao identificar no hibridismo um dispositivo potencial de subversão estratégica do poder colonial, algo que se manifesta na dança como um ato de autonomia e criação de novos significados culturais. Nesse contexto, a dança emerge como uma ferramenta poderosa para reconfigurar as identidades, reescrever histórias, desafiar estigmas e criar novas possibilidades.

Germaine Acogny, criadora da Técnica Acogny – técnica de dança contemporânea africana -, exemplifica de forma significativa essa abordagem. Ela defende que a prática cultural não deve ser uma assimilação passiva, mas uma reinterpretação ativa das influências externas. Ao se referir à sua técnica, uma mescla de elementos africanos, europeus e orientais, ela afirma:

A influência é um fato; os elementos estrangeiros são introduzidos quer queiramos ou não. Ao invés de deixar tudo ao acaso, é melhor que nós, africanos, diríamos nós mesmos esta evolução e que a coloquemos num nível superior, escolhendo, na plenitude das influências, as melhores, as mais enriquecedoras (2022, p. 36-37).

Este posicionamento sublinha a importância das práticas culturais na diáspora enquanto exercícios de agência e autodefinição.

A Técnica Silvestre, por sua vez, exemplifica concretamente essas dinâmicas. Ao integrar saberes ancestrais e contemporâneos, bem como elementos de culturas diversas, ela se configura como um espaço de subversão das identidades fixas e essencializadas, criando um campo fértil para a formação de novas subjetividades. O corpo, nesse cenário, não é apenas um meio de expressão, mas um campo ativo de resistência, onde as memórias de luta e as possibilidades de futuro se entrelaçam de forma contínua e criativa, não só reivindicando uma memória ancestral, mas também abrindo espaços para novas formas de resistência e de afirmação cultural, desafiando as fronteiras fixas da identidade e da cultura. Em síntese, este estudo contribui para uma compreensão mais abrangente das práticas de dança e suas funções políticas como formas de reconfiguração das identidades na diáspora.

Embora este trabalho tenha fornecido importantes achados sobre o papel das práticas corporais artísticas na articulação entre hibridismo cultural e agência, ele



também abre espaço para novas questões e abordagens. O estudo se debruçou sobre a Técnica Silvestre para pensar de uma forma geral sobre as danças da diáspora negra, mas pesquisas sobre diferentes formas de dança podem revelar aspectos específicos de cada expressão, apontando outros desdobramentos e direções possíveis.

Ademais, percebem-se necessidades de investigação mais aprofundadas sobre as relações desiguais de poder dentro dos espaços híbridos aqui chamados por ‘terceiros espaços’ e ‘encruzilhadas’ visando expandir a compreensão acerca das dinâmicas e tensões enfrentadas nesses espaços. Futuros estudos poderiam explorar como essas práticas operam em relação a questões como apropriação cultural e ressignificação de sentidos tradicionais, investigando os impactos dessas novas significações e apropriações nas culturas. Além disso, um aprofundamento nas implicações dessas novas formas artísticas hibridizadas poderia gerar achados significativos para o entendimento da cultura contemporânea.

Por fim, este estudo reafirma a importância das práticas corporais como formas de enfrentamento ao colonialismo e como espaços essenciais para o fortalecimento e a afirmação das identidades negras na diáspora. A Técnica Silvestre, como exemplo concreto de práticas de resistência cultural, oferece um campo fértil para reflexões sobre a contínua busca por autonomia, reconhecimento e reapropriação cultural em um mundo ainda marcado pela colonialidade.

As danças da diáspora negra se revelam, assim, como territórios de resistência criativa, onde o hibridismo não se dá como uma resposta passiva à opressão colonial, mas enquanto processos contínuos de transformação e reconstrução das identidades negras, abrindo novos caminhos para a memória, a ancestralidade e o futuro das culturas negras na diáspora.

Referências

ACOGNY, Germaine. 2022. *Dança africana*. Organização de Daniela Maria Amoroso. Organização e tradução de Roberta Ferreira Roldão Macauley. Coleção PPGAC. São Paulo, Giostri.

BHABHA, Homi K. 1998. *O local da cultura*. Belo Horizonte, Editora UFMG.

COLLINS, Patricia Hill. 2019. *Pensamento feminista negro: conhecimento, consciência e a política do empoderamento*. São Paulo, Boitempo Editorial.



DU BOIS, W. E. B. 2007. *The Souls of Black Folk*. New York, Oxford University Press [1903].

GILROY, Paul. 2001. *O Atlântico negro: modernidade e dupla consciência*. Tradução de Cid Knipel Moreira. São Paulo, Editora 34.

HALL, Stuart. 2023. *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. 3^a ed. Organização de Liv Sovik. Belo Horizonte, UFMG.

DESMOND, Jane. 1997. "Embodying Difference: Issues in Dance and Cultural Studies". In: DESMOND, Jane. *Meaning in motion: New cultural studies of dance*. London, Duke University Press, p. 29-54.

MAIÊ, Mo. 2017. *Os Quatro Ciclos do Dikenga*. Disponível em: <https://terreirodegriots.blogspot.com/2017/03/os-quatro-ciclos-do-cosmograma-bakongo.html>. Acesso em: 29 dez. 2024.

MARTINS, Leda Maria. 2021. *Performances do tempo espiralar, poéticas do corpo-tela*. Rio de Janeiro, Cobogó.

REZENDE, Ana Beatriz Coutinho, PASSOS, Vera. 2024. "Técnica Silvestre e a Força do Encontro entre Tradição e Contemporaneidade: Ana Beatriz C. Rezende entrevista Vera Passos". *Revista Sala Preta*, São Paulo, 23(3), p. 220-239.